

OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno 36 n.º | Semest. 18 n.º | Trim. 9 n.º | N.º 4 entrega | 15.º Anno — XV Volume — N.º 501 | Redacção — Atelier de Gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 |
|--------------------------------------|----------------|-------------------|----------------|---------------------|---------------------------------|--|
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3\$800 | 1\$900 | \$950 | \$120 | 21 DE NOVEMBRO DE 1892 | Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva. |
| Possessões ultramarinas (idem)... | 4\$000 | 2\$000 | — | — | | |
| Extrang. (união geral dos correios) | 5\$000 | 2\$500 | — | — | | |



SUA Magestade a Rainha Regente de Hespanha D. Maria Christina
(Segundo photographia)



CHRONICA OCCIDENTAL

A viagem dos Reis de Portugal foi o acontecimento principal, dominante, d'estes ultimos dias.

E comprehende-se perfeitamente que assim fosse, já pela alta importancia dos augustos viajantes, já pelo acolhimento verdadeiramente triumphal que em Hespanha tiveram os monarchas portugueses.

Os reis de Portugal sahiram de Lisboa no dia 9 do corrente ás tres horas da tarde, como registámos na nossa ultima chronica, regressaram a Lisboa no dia 18 quasi ao anoitecer, e esses nove dias que durou a sua viagem foram nove dias de festa, de alegria, de aclamações que estreitaram muito mais as nossas relações com a Hespanha e os laços de amizade, de parentesco, que nos une a esse povo visinho, e que devem ter enchido de jubilo todos os portuguezes, por verem a sympathia, a consideração, o alvoroço, o enthusiasmo com que os nossos soberanos foram recebidos pela corte e pelo povo hespanhol.

Os reis de Portugal chegaram a Madrid no dia 10 pela 1 hora da tarde, sendo esperados na estação pela rainha regente de Hespanha, côrte, ministerio, autoridades civis e militares, altos funcionarios e pelo povo de Madrid, que enchia á cunha todo o longo trajecto que vae da estação do caminho de ferro ao palacio do Oriente e que na sua passagem saudou enthusiasmicamente os regios viajantes com todas as demonstrações de sympathia.

O ministro de Portugal em Madrid, o sr. conde de S. Miguel tinha vindo esperar com um dos seus secretarios, Suas Magestades, á fronteira hespanhola; o sr. Canovas del Castillo, presidente do conselho de ministros de Hespanha, com os seus collegas dos estrangeiros e das obras publicas, esperavam os soberanos portuguezes em Illecas, e na estação de Madrid esperavam os agostos viajantes todos os portuguezes de distincção que ali residem em Madrid ou que ali estavam de passagem, como os srs. conde e condessa de Valençães, condessa de S. Miguel, baroneza d'Ortega, (Paço do Lumiar) condessa de Paraty, M.^{lha} Ornellas, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, conde de Paraty, conde de Ribeiro da Silva, Ayres d'Ornellas e muitos outros.

No comboio real iam alem de Suas Magestades e da sua comitiva, os srs presidente do conselho e ministro dos estrangeiros, o illustre artista Raphael Bordallo Pinheiro, e o visconde de Claverie, correspondente do *Figaro* em Lisboa.

Feitos na estação os cumprimentos do estylo, os reis de Portugal, acompanhados pela rainha regente de Hespanha, seguiram para o paço real, por entre alas feitas por toda a guarnição de Madrid que depois, em numero de doze mil homens, desfilou em frente do palacio do Oriente, assistindo os reis portuguezes, a sua comitiva, a rainha de Hespanha, ministerio e côrte, a esse desfilar que provocou grande enthusiasmo na multidão que enchia a praça do Oriente, multidão calculada em cincoenta mil pessoas.

Quando chegaram ao palacio real, esperava os reis de Portugal, no alto da escada, acompanhado pela sua casa civil e militar e pelos grandes de Hespanha, el rei D. Affonso XIII, o pequeno rei que foi abraçado e beijado por el-rei D. Carlos e pela rainha de Portugal.

N'essa noite houve jantar de gala, de 120 talheres no paço real, paço onde se alojaram em magnificos aposentos deslumbrantes de luxo, de elegancia, de riqueza, os reis de Portugal, os ministros e toda a sua comitiva, comitiva em que figuravam muitas das mais distinctas personalidades da côrte portugueza, como a sr.^a duqueza de Palmella, a illustre senhora que pela sua suprema distincção, pelo seu alto nascimento, pelo seu formosissimo talento artistico, pela sua subida illustração, occupa lugar proeminente entre a primeira sociedade de Portugal, a sr.^a D. Josepha de Sandoval e Vasconcellos, uma das damas mais formosas e mais elegantes da côrte, os srs. duque de Palmella, Bernardo Pindella, conde de Ficalho, vice-almirante Andrade, general Folque, conde de Tarouca, conde de Sabugosa, Antonio de Vasconcellos, etc.

No dia immediato ao da sua chegada os reis de Portugal assistiram á inauguração solemne da exposição historico-hespano portugueza, sendo acompanhados na visita que em seguida fizeram á nossa secção n'essa brilhante exposição, pelos srs. Raphael Bordallo e Ramalho Ortigão, illustres ins-

talladores d'aquella secção, e pelos srs Pinheiro Chagas, Raul Chagas e Joaquim d'Araujo.

N'essa noite houve concerto musical no Paço, concerto em que tomaram parte Eva Tetrasini, a illustre cantora tão querida dos portuguezes e que tantas sympathias saudosas deixou quando esteve em S. Carlos, Monastero, Baldelli, tenor de Morchi, Aragó.

Não é facil fazer aqui a resenha das festas que houve em Madrid durante a estada dos reis de Portugal. Foram festas successivas, de que nos seus jornaes respectivos deram longa noticia todos os jornalistas que de Lisboa foram expressamente assistir a essas festas, e apenas notaremos as principaes:

Um baile no paço, que esteve brilhantissimo, d'un a sumptuosidade e magnificencia sem igual; recita de gala no theatro hespanhol com a peça de Calderon, *Casa com duas portas e má de guardar*; recita de gala no theatro Real, com a opera *Garin*, do maestro Breton, opera no genero wagneriano, de que não nos dizem maravilhas; tourada historica, a que não assistiram Suas Magestades e que fez um fiasco enorme; uma tourada á hespanhola, a pedido da rainha de Portugal, tourada brilhante em que tomaram parte, Lagartijo, Guerrita e Mazzantini, os tres primeiros espadas da Hespanha, o que quer dizer, no genero de tourada, os primeiros do mundo; uma *retrete* militar com *flambeaux* e lanternas; uma cavalgada historica, que foi brilhantissima, d'un grande effeito pittoresco; jantar e recepção na legação portugueza; partida de jogo de pelota; manobras militares em Carabanchel; caçadas nas mattas do Pardo, etc.

E em todas estas festas, os reis de Portugal foram alvo das mais enthusiasmicas demonstrações de sympathia, tanto da Rainha regente e da corte, como do povo, que por toda a parte aclamava os seus augustos hospedes, como dos jornaes de Madrid que, sem distincção de côr politica e partidaria, encheram as suas columnas de artigos os mais amaveis e mais lisonjeiros para os soberanos portuguezes e para Portugal.

E para prova do enthusiasmo enorme que os nossos reis despertaram em Madrid, do prestigio extraordinario que ali tiveram, transcrevemos como testemunha insuspeita de parcialidade, os seguintes trechos d'uma das cartas que para o *Seculo* de Lisboa enviou o seu correspondente especial em Madrid, d'estas festas:

«A rainha D. Amelia é a heroína do dia! Nos salões, clubs e centros de reunião, todos lhe celebram a belleza e rara distincção. Na opinião geral a rainha portugueza é uma das mais formosissimas damas que n'estes dias teem abrilhantado as festas de Madrid.

«Não tem a belleza regular, quasi classica da hespanhola. Tem mais do que isso; tem a suprema e fascinante graça. E' uma soberba cabeça dominadora, olhos nadando em effluvio, sempre com um sorriso nos labios, porte aristocratico de raça, a cintura flexivel, as linhas do busto esculpturaes. Nas gazetas e nos centros de reunião de Madrid, desde o café Fornos aos salões da Castellana, os assumptos de todas as conversas é a belleza e a refinada elegancia da rainha de Portugal.

«A rainha D. Amelia conquistou Madrid sem precisar d'un exercito!

«Uma das folhas mdrilenas mais importantes, o *Heraldo*, publicou hontem (14) um interessante artigo, fazendo uma comparação entre as familias reinantes de Hespanha e Portugal, comparação muito lisonjeira para os nossos reis. Este artigo foi durante a noite muito discutido e geralmente approvado.

«Na verdade o *Heraldo* tinha razão. Na Hespanha, uma rainha d'un caracter completamente oposto ao caracter effusivo dos hespanhoes, e um rei que ainda hontem deixou os cociros, tuberculoso, quasi sempre doente, passando os dias ou a brincar com as bonecas, ou a fazer *dodó* nos braços da aia que o não deixa; do lado de Portugal, uma rainha elegantissima, latina no coração e no sangue, amando as festas profundamente peninsulares, doce, effusiva, sempre com um dito de espirito ou uma palavra de bondade para todos que a rodeiam e tendo por companheiro um rei moço, cheio de vida, de saude, corajoso, um homem energico e viril, de pulso rijo, bom arcaboiço, um homem emfim

«Vê-se por tanto d'aqui, como a comparação entre as duas familias reinantes não pode deixar de ser favoravel para Portugal. Ao menos valhamos isso...»

Suas Magestades regressaram a Lisboa na sexta feira 18 ás 4 horas da tarde.

Em Lisboa prepararam se grandes festas para receber os augustos viajantes e uma commissão presidida pelo sr. conde da Folgosa organisára o programma d'esses festejos que foram: — bodo a 1500 pobres, dado em barracas, armadas para esse fim na rua 24 de Julho, no dia da chegada de Suas Magestades;

— Arcos e bandeiras pelas ruas do transito do cortejo real, desde a estação do Rocío até ao palacio das Necessidades;

— Illuminações nas ruas e nos edificios do Estado;

— Fogo de vistas na rotunda da Avenida;

— Recita gratuita no Gymnasio com o *Hotel Luso Brasileiro* e *A Gente vê caras*, e na Trindade com a *Côrte d'Elrei Pimpão*;

— Recita de gala, por convite, no domingo 20 no Real theatro de S. Carlos.

A gare da estação do Rocío estava brilhantemente adornada com arbustos, plantas e bandeiras, e n'ella aguardavam a chegada do comboio real, Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, o Principe Real, o Infante D. Affonso, o Infante D. Manuel, ministerio, corte, altos funcionarios, corpo diplomatico, ministros d'estado honorarios, pares do reino, deputados, militares, homens de letras, jornalistas, artistas, tudo trajando de grande gala, e grande numero de senhoras.

Quando o comboio real chegou, o aspecto da gare era lindissimo: a banda da guarda municipal tocou o hymno real, subiram ao ar innumeras girandolas de foguetes, salvaram os navios de guerra, e irromperam na gare os vivas e as saudações a Suas Magestades.

El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Amelia beijaram a Rainha D. Maria Pia, beijaram seus filhos e seguiram em *landaus à Daumont* para o Paço das Necessidades por entre alas formadas por toda a tropa da guarnição, e por meio d'uma multidão enorme de povo que aclamava e saudava os regios viajantes.

De muitas janellas foram lançadas flores e pombas sobre a carruagem em que iam Suas Magestades.

Chegados ao palacio das Necessidades, Suas Magestades receberam immediatamente os cumprimentos de todos as pessoas que tinham estado na gare e que os tinham seguido ao paço.

A recepção acabou ás 6 horas e meia da noite e foi das mais concorridas.

As illuminações estavam vistosas, mas o fogo de vistas foi prejudicado por uma grande pancada d'agua que cahiu ao começo da noite e que o estragou quasi todo.

Os espectaculos gratuitos estiveram muito concorridos.

No domingo houve uma tourada offerecida a Suas Magestades e para a noite estava annunciada a recita de gala.

Havia enormes empenhos para alcançar bilhetes para essa recita cujo programma custeu muito a organizar.

Fallou-se ao principio em que a prima dona Gabbi e o maestro Mancinelli, que estavam em Lisboa, vindos do Brazil e de passagem para Italia, tomavam parte n'essa recita: mas forçados a partir não poderam realizar esse desejo da commissão deixando a verdadeiramente embaraçada para a organização do espectáculo.

Por fim á falta de melhor, organisou se o espectáculo com a representação do *Fausto* pela companhia lyrica que está funcionando no Real Colyseu, e no fim de contas o espectáculo pouco importava porque o que todos queriam ver era o aspecto da Tribuna Real, o effeito da sala com as senhoras em grande *ilette*, que é sempre o atractivo principal das recitas de gala.

A commissão viu-se seriamente embaraçada tambem para acudir aos pedidos que de todos os lados choviam, de bilhetes para essa recita; apesar do tamanho do theatro de S. Carlos, e de nos camarotes estarem oito e dez senhoras em cada um foi enorme como não podia deixar de ser o numero de descontentes, porque em summa o theatro não é elastico e ainda que elle fosse tres ou quatro vezes maior seria ainda pequeno para satisfazer os pedidos que havia.

Finalmente chegou a noite de domingo e ás 8 horas era enorme a concorrência de carruagens para o theatro de S. Carlos.

Mas as carruagens passaram para o theatro, mas não voltaram logo para baixo, como é costume. Iam e lá ficavam.

Porque?

Porque o theatro eram 8 horas e meia, 8 e tres quartos e estava ainda fechado e completamente ás escuras.

E todos que iam para o espectáculo a pé ou de carruagem ficavam á porta á espera que elle se abrisse e calcula-se bem a enorme agglomeração

de gente e de trens que não haveria, aglomeração que de minuto a minuto augmentava.

E todos perguntavam o que era, o que queria dizer aquillo, o que tinha acontecido!

O que acontecera fôra um desarranjo n'uma das machinas da luz electrica, desarranjo que os engenheiros estavam a ver se remediavam e remediaram até certo ponto, porque cerca das 8 horas da noite a luz appareceu e as portas abriram-se.

O effeito da sala era deslumbrante, e poucas vezes se tem visto em S. Carlos tantas *toilettes* elegantes, tanto luxo, tantos brilhantes como n'essa noite.

Sua Majestade a Rainha D. Maria Pia chegou ao theatro: esperava-se El-Rei e a Rainha D. Amelia mas entretanto a luz começou a fazer negações e já a orchestra estava toda no seu lugar á espera da chegada de Suas Majestades para tocar o hymno, quando o sr. commissario de policia Amorim que presidia ao espectáculo chegando á frente da frisa da auctoridade, participou ao publico que não podenco garantir-se a estabilidade da luz electrica não havia espectáculo por ordem superior.

Grande descontentamento, grande desapontamento nos espectadores, que muito sem vontade começaram pouco a pouco a sahir do theatro.

Os musicos sahiram da orchestra, alguns camarotes começaram a despejar, mas o corpo diplomatico e os ministros continuavam ainda nos seus camarotes e na tribuna real appareciam de vez em quando officiaes da casa real fardados, e tudo isso indicava que apesar da participação da auctoridade a coisa ainda não estava de todo resolvida.

E effectivamente parece que não estava, que havia ainda vacilações, porque d'ali a nada os musicos voltavam para o seu posto, tornaram a desembulhar os rabecões, a tirar das caixas as rabecas, e os espectadores que se tinham retirado começaram a voltar á formiga aos seus logares.

— Ha, ha, dizia-se em toda a sala, com muita alegria, muito contentamento.

De repente porém a luz electrica começou a fazer de novo negações.

— Não ha, não ha, começaram então a dizer todos.

E por fim não houve. Os musicos retiraram-se pela segunda vez, os espectadores começaram a retirar, participou se pelo telephone para as Necessidades que não havia espectáculo por não haver luz; Sua Majestade a Rainha D. Maria Pia retirou-se, a guarda d'honra foi-se embora e d'ali a nada, 10 horas e tanto, o theatro tornou a fechar as suas portas.

E assim acabou sem ter principiado esta recita de gala que tanto deu que fazer á commissão e que ficou addiada para amanhã 22.

D'essa recita fallaremos na nossa proxima chronica, como tambem da brilhante festa de auctor que teve no theatro de D. Maria o nosso presado amigo e collega o sr. Lorrjô Tavares, o illustre auctor do *Segredo da confissão*.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

A RAINHA REGENTE DE HESPAÑHA D. MARIA CHRISTINA

Terminaram as festas colombinas na cõrte hespanhola com a visita dos monarchas portuguezes, que foi como que o laço de solidariedade dos dois povos da península n'essa brilhante commemoração que a Hespanha acaba de realisar, do grande serviço de Christovão Colombo feito á civilização do novo e do velho mundo, sob a protecção dos Reis Catholicos.

Nas grandes descobertas do xv e xvi seculos andaram a par portuguezes e hespanhoes. As glorias de uns não offuscam as glorias dos outros, e se assim foram nas grandes emprezas com que franquearam á velha Europa os caminhos do novo mundo, assim deviam ser na commemoração gloriosa d'essas empresas. Os reis de Portugal, como representantes da nação portugueza não podiam deixar de se associarem ás festas que tiveram lugar em Madrid.

A' frente d'essas festas vimos a rainha regente de Hespanha, esse sympathico vulto, que tem despertado em todo o mundo as mais merecidas

atensões e justos respeitoes, pela sabedoria e prudencia com que tem presidido ao governo do seu paiz, sustentando em suas delicadas mãos o pesado sceptro das Hespanhas, como precioso penhor que um dia terá de entregar a seu desvelado filho, o pequenino rei D. Affonso XIII.

Raro exemplo de valor fememino tem dado ao mundo a rainha D. Maria Christina, e quantos ao verem-na viuva e assumir a regencia de Hespanha, em 30 de dezembro de 1885, recearam pela joven princeza, pelo futuro successor da corõa de Castella, no meio das agitações politicas, das paixões partidarias de que o seu paiz tem sido theatro.

Mas a bondosa rainha tem sido um anjo de paz que estendendo as suas azas brancas sobre o grande povo hespanhol, tudo tem conciliado, e esse povo ativo que não recua ante os perigos de uma conspiração, a quem as aventuras sorriem e atrahem como o abysmo, tem-se quedado respeitoso perante a soberana, que é a mãe do seu futuro rei, com o cavalheirismo tradicional que distingue a sua raça.

Quando, em setembro de 1886, Villacampa á frente d'um punhado de revolucionarios de caserna se levantou contra o governo, esse movimento revolucionario não era mais que a repetição d'outros de que a Hespanha miudadas vezes tem sido theatro. Não encontrou os animos dispostos a acompanhal o, e a revolta abrotou á nascença.

Havia que respeitar a mãe junta do berço de seu filho orphão e a revolução não podia encontrar echo em peitos hespanhoes.

Foi essa mesma mãe e esse debil infante que salvou da morte o cabeça d'aquella revolta, comotando-lhe a pena. Villacampa foi desterrado, porque a Rainha Regente lhe commutou a pena.

A clemencia da Regente iniciava uma era de paz na Hespanha. Era a primeira vez que se commottava uma pena ultima, n'aquelle paiz.

Desde aquelle momento augmentaram as sympathias pela Rainha Regente de Hespanha, tanto no seu paiz como fóra d'elle, e a viuva de D. Affonso XII impunha-se pelo seu fino tacto politico e pelas inexcediveis qualidades do seu virtuoso coração.

Nas festas que acabam de se celebrar em Hespanha, a Rainha Regente foi alvo das mais entusiasticas manifestações por parte dos povos que visitou, em companhia do infantil rei D. Affonso XIII.

Essas festas tiveram a sua chave de ouro em Madrid, onde a Rainha Regente recebeu a visita de El-Rei D. Carlos e da Rainha D. Maria Amelia, com a gentileza e primores que distinguem a cõrte de Hespanha e não menos a cõrte austriaca, berço da viuva de D. Affonso XII.

A chronica d'este numero refere-se largamente á visita dos monarchas portuguezes á cõrte hespanhola e ás demonstrações de affecto de que foram alvo, e por isso nos dispensamos aqui de repetições.

O OCCIDENTE publicando o retrato da augusta Rainha Regente de Hespanha, presta a sua respeitosa homenagem á excelsa princeza que tão brilhantemente presidiu ás festas do centenario Colombino, fasto glorioso da Historia de Hespanha, a que Portugal se associou com a alegria de uma festa de familia, em que se recordam datas e factos gloriosos.

BENGALA-PHOSPHORO

E' logico que um producto apóz monopolizado suba de preço pois que varia a relação entre a offerta e a procura, mas que esse preço atinja como o do producto em questão, dusetos e cinco por cento, não é facil.

Outr'ora uma duzia de caixas de phosphoros custava vinte e cinco a trinta réis, actualmente custa oitenta réis.

De fórma que uma caixa custa dez réis o que faz com que cada phosphoro saia pelo preço de dois decimos e meio de real, o que multiplicado pela quantidade que se gasta n'um anno dá uma somma que por sua vez multiplicada por quarenta annos, vida media d'um fumador comedido, monta á formosa quantia de cento e cincoenta mil réis.

Mas, a industria com os seus progressos não podia deixar que um objecto, apparentemente de valor tão baixo, subisse a elevado preço. Entre os variadissimos processos tendentes a melhorar este facto, appareceram os *isqueiros magicos*, os *fuzis americanos* e mesmo o classico fuzil, pederneira e isca, tão archaica como patriarchal.

Uma das invenções industriaes d'este genero é a *bengala phosphoro*.

Sob este nome vende-se desde algum tempo nos *boulevards* parisienses a bengala representada

na nossa gravura, e de que é quasi inutil explicar a maneira como funciona.

O interior da bengala é furado em parte do comprimento e encerra um tubo de cobre ou de qualquer outro metal tenaz, a que se ajusta com friccionamento doce, uma haste egualmente de metal formando um pistão e n'uma extremidade recebe o castão da bengala, enquanto que a outra apresenta uma pequena cavidade na qual se põe estopa. Mettendo bruscamente o pistão, comprime com violencia o ar contido no cylindro. Ora, quem diz compressão diz aquecimento e a elevação de temperatura assim obtida é sufficiente para determinar a inflamação da isca. E' preciso ter cuidado para manter a combustão, retirar repentinamente o pistão. Não é preciso decerto dizer que esta maneira tão simples d'obter lume seja uma invenção nova.

Ha já uns cincoenta annos, havia-se imaginado um fuzil d'este genero consistindo n'um tubo de vidro, no qual se mettia um pistão de metal. Mas, coisa curiosa, os fumadores não fizeram caso algum d'este systema, preferindo-lhe o fuzil e a pederneira.

O viajante Walter Hough, relata nas memorias, do *National Museum*, série de 1890, que este processo é empregado desde muito tempo por varias povoações selvagens visitadas por elle, e que se servem, como cylindro, um corno de bufalo perfurado, no qual introduzem um pistão mettalico guarnecido de chumbo.

Como conheceram esses povos este processo? E' um mysterio que o citado viajante nos não poud esclarecer mas ha allí evidentemente um progresso consideravel sobre os meios tão primitivos ainda uzados por certas tribus e que consiste em friccionar fortemente um contra outro, dois pedaços de madeira secca e de grande dureza.

BENGALA-MACHINA DE FAZER CIGARROS

Os fumadores acharão interessante a disposição adoptada á fórma d'uma bengala, e que permite trazer nas mãos uma fabrica de cigarros tão commoda.

A fórma está alojada no alto da bengala, cujo comprimento mostramos na gravura. O castão leva o molde com a ajuda do qual se faz passar d'uma mão o tabaco contido no funil (2) para o tubo de papel (D) que a outra mão segura, obrigado sobre a extremidade inferior do tubo afunilado.

PARA OS COLOMBISTAS

Sem querermos amesquinhar a memoria do grande navegador que n'esta occasião está sendo o objecto dos mais estrondosos encomios, não nos soffre o animo de portuguezes deixar passar sem protesto a facilidade, para não dizermos cegueira, com que a imprensa e a Academia das Sciencias d'este paiz entram no cõro universal da apothose ao já agora immortal genovês, não procurando investigar ou deixando reprehensivelmente esquecer as gloriosas tradições nacionaes.

Se até agora Portugal não curou, como devia, de reivindicar para si glorias de que outros se foram apoderando, sirva ao menos a ruidosa festa centenaria do mais apregoado de todos esses para accordarmos do longo somno que temos dormido.

Por nossa parte, e com as modestas forças de que dispomos, limitamo nos a offerecer aos nossos compatriotas o resultado dos nossos estudos particulares ácerca dos descobrimentos da America.

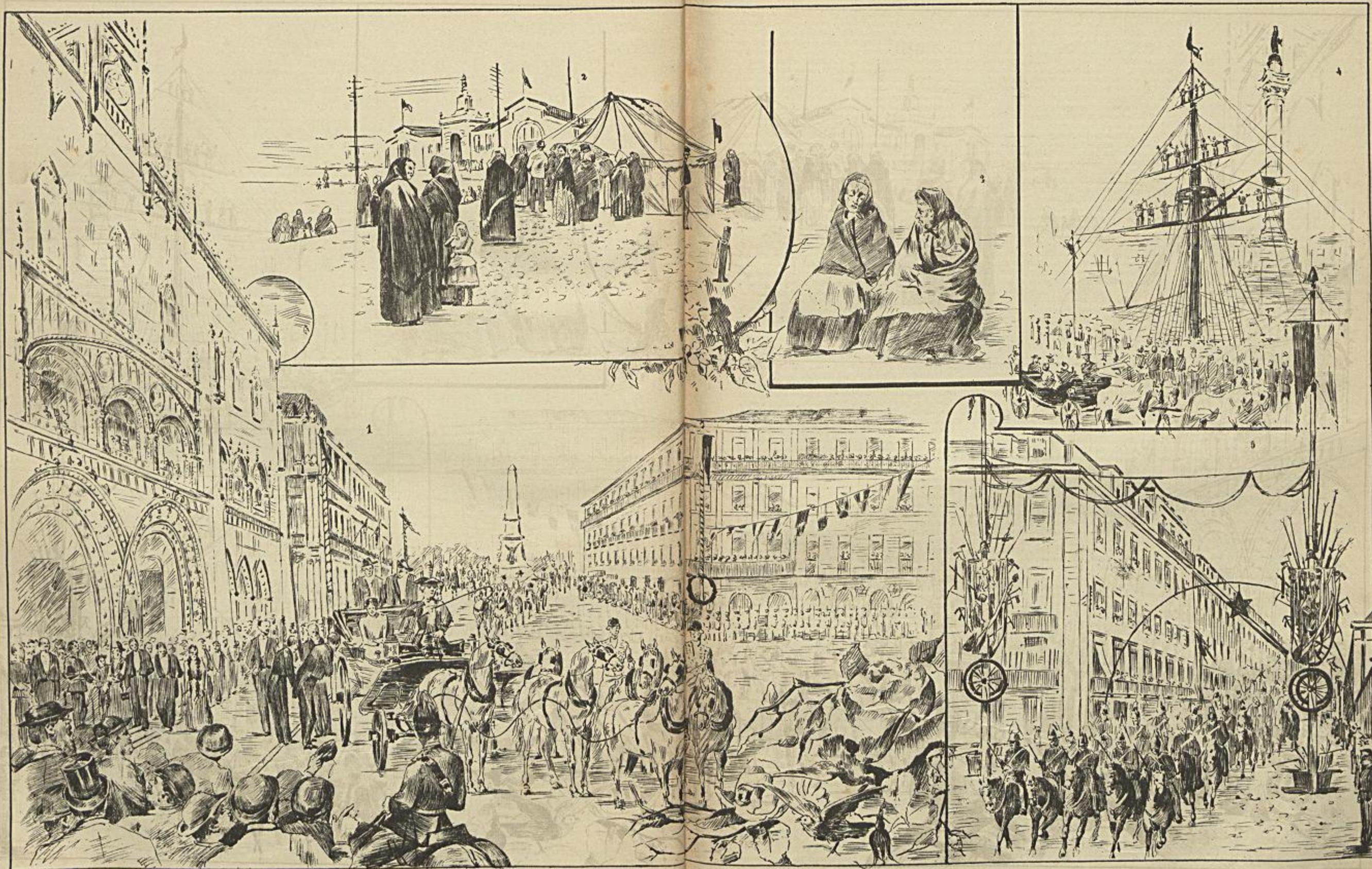
De longos annos vem já a nossa convicção a este respeito, e mais de uma vez temos tractado do assumpto em publicações de vario genero, sem lograrmos ver ao nosso lado algum d'esses illustres campeadores que tanto blasonam de patriótica erudição.

A' falta d'estes veiu porém um estrangeiro, e esse americano, em um livro recentemente publicado, fazer valer para Portugal os direitos a que o proprio Portugal parece ter daado de mão.

Console nos ao menos isto. Não pretendemos, será bom repetil-o, depreciar ou escurecer o nome de Christovam Colombo; pedimos, o que julgamos de justiça, um quinhão de gloria que nos pertence.

Os dois continentes que ao oeste da Europa se extendem, por milhares de leguas, na direcção norte-sul, não foram sempre, como alguns escriptores menos hidos tem affirmado e ainda muita gente crê, um mysterio para os habitantes das outras partes do mundo.

VIAGEM DE SUAS Magestades EL-REI D. CARLOS E RAINHA D. AMELIA, A MADRID



1 Saída de Suas Magestades da Estação do Rocio. — 2 e 3 O bodo aos pobres na rua Vinte e Quatro de Julho. — 4 Praça de D. Pedro, os alumnos marinheiros dando os vivas da Ordenança. — 5 O arco do largo do Corpo Santo LISBOA (Viã. Chronica Occidental)

(Desenhos A. Silva)

Velhos documentos encontrados em Pekim (Pé-King) mostram que os missionários buddhistas percorreram, ha muitos seculos, as costas do Mexico e da America central, conhecidas no celeste imperio por *Fu Sang*, nome chinês da bella planta *agave americana*.

Mas muito antes, de tempos immemoriaes, já os europeus, com grandes intervallos, convêm notar, haviam visitado aquella região, especialmente pelo lado do norte, e está provado que em 817, os noruegueses da Islandia, guiados pelo vôo das aves, singraram pelas costas orientaes da Terra Verde (*Greenland* dos ingleses, *Groenland* dos alemães) e que um d'elles, Gumbjörn, se perdeu em um baixo que ainda conserva o seu nome.

Em 986, Erik Rauda ou o *Vermelho*, desterrado da Islandia por haver commettido um assassinio, fez se colono, como muitos outros criminosos antes d'elle, e estabeleceu-se no Eriksfjord, ao sul da Terra Verde. Quatorze annos depois, Leif, filho de Erik, levado pelo amor da gloria, navegou para o sul e descobriu a Heilulandia ou Terra dos Rochedos (Terra Nova), a Marklandia ou Terra das Florestas (Acadia ou Nova Escocia) e a Vinlandia ou Terra da Vinha (Massachusetts).

Varios documentos dão tambem a entender que outros navegadores do mesmo tempo foram ainda mais adeante, pelo menos até a foz de Chesapeake e cachoeiras do Potomac, acima de Washington.

Por tres seculos continuaram as viagens da Islandia para a Vinlandia; estabeleceram-se varias colonias no novo continente, casaram-se noruegueses com as filhas dos skralingors, e não ha duvida de que o sangue escandinavo se encontra ainda na população aborigene da America do Norte.

Os dois mundos separados pelo Atlantico entrariam em comunicação duravel, se a Noruega se tivesse conservado livre; mas aprouve a um rei, Hakon IV, proteger o commercio, regulamentando-o sem do nem consciencia, e as colonias de alem mar foram abandonadas.

Mais uma vez cahira no esquecimento o Novo Mundo, quando os portuguezes, novamente atacados do prurido das viagens, encetam o curso das gloriosas derrotas africanas, surpreendendo o velho mundo com a vasta successão dos seus notaveis descobrimentos.

E' nesta occasião de sobresalto que apparece a figura de Christovam Colombo, e que uma serie de coincidencias lhe permite passar á posteridade como primeiro explorador das terras americanas.

Cumpra aqui notar que Colombo parte de Palos pela primeira vez em 1492, e que, segundo rezam antigas chronicas, já em 1463 o pae de Gaspar e de Miguel Córte Real, com outro companheiro, Alvaro Martins Homem, havia descoberto a Terra Nova, a que deu o nome significativo de *Ilha dos Bacalhaus*.

O acaso, que, se é ás vezes providencia, tambem é muitas fatalidade, quiz que ficasse na sombra o feito do primeiro Córte Real, praticado 29 annos antes da viagem de Colombo. Verdade é que o descobridor portuguez não teve a auspiciar-lhe a derrota o apparato ruidoso de uma empresa official.

Voltando a Colombo, exaltado este navegador pelas conquistas dos portuguezes em Africa, toma lugar a bordo das naus que sulcavam então aquellas paragens e chega até a costa da Mina. D'este labutar maritimo nasce-lhe o desejo de residir em terras de Portugal. A sua vida aventureira leva-o á ilha da Madeira, onde casa com a filha de um piloto portuguez chamado Perestrello, o qual, por morte, o deixa herdeiro de muitas cartas e estudos cosmographicos. Ahí chega a saber pelas apertadas relações com outro piloto, Affonso Sanches, que a O. da Europa existia uma terra desconhecida, talvez pertencente ás regiões orientaes. Querem outros que fosse o proprio sogro quem lhe revelasse este segredo.

Seja como for, Colombo, que antes da sua estada na Madeira não se offerecera a nenhuma côrte para emprehen'der descobrimentos, volta agora cheio de confiança ao continente e propõe a Genova, a Portugal e a Inglaterra o ir achar pelo O. uma nova comunicação com as Indias. Genova e Inglaterra não prestam fé á proposta, e Portugal, muito occupado com os seus proprios empreendimentos, rejeita os planos do piloto genovês que, sem o desinteresse e abnegação dos homens superiores, pretendia para si e para os seus a certeza de altas honras e larguissimas prebendas.

E' depois de tantas recusas que Colombo se apresenta a Isabel a Catholica. Esta prepara-lhe uma expedição, e Colombo sai de Palos em busca do novo caminho para a India em uma sexta feira de agosto. Italiano, e por tanto supersticioso, não se arreceia de se metter ao mar em dia tão aziago! As informações colhidas na Madeira, os papeis

que herdara, teem n'elle mais imperio que os agouros e preconceitos do seu tempo.

Parte; são-lhe os ventos contrarios; mas não esmorece por isso. Elle bem sabe aonde vai. As tripulações castelhanas, que não estão no intimo do segredo, comecam a impacientar-se com as delongas da viagem. Ameaçam de insurgir-se, pretendem retroceder. Colombo exhorta-as a não desesperarem; pede-lhes mais tres dias, mais dois dias; tal é a convicção que mostra no resultado dos seus esforços! Emfim aproa-se á ilha de Guanahami, uma do archipelago de Bahama, e está realizada a grande empresa.

Confronte-se agora esta viagem, aureolada pela fama, com a temeraria expedição de Córte Real á parte Norte do novo continente: aqui as caravelas de Isabel rasgando as ondas calmas do largo oceano; alem os parais e os gelos de regiões mysteriosas engulindo quasi nos seus abysmos o arrojado portuguez; confronte-se ainda com as derrotas de Pedro Alvares Cabral e Fernão de Magalhães, com os commettimentos de Bartholomeu Dias e Vasco da Gama!

Para mais diminuir o valor do feito colombino, succede que dois annos antes aportara a uma das terras do sul (S. Paulo, no Brasil) um portuguez chamado João Ramalho e alli vivera o resto dos dias. Sabe-se isto pelo testamento que elle deixou, feito em 1520, e existe nos archivos do Brasil.

A estes dados de alta significação junta-se outro não menos importante. Colombo fizera a sua viagem tão convencido de não ter descoberto um novo continente que, no seu regresso, entra no porto de Lisboa e declara a D. João II que voltava apenas de Chipango (Japão).

Queixam-se alguns geographos de que a historia não vinculasse o nome de Colombo ao novo continente, indo conferir essa gloria a um maritimo secundario Americo Vespucio. Para nós, se alguem tinha jus a tal homenagem, era de certo o pouco memorado Córte Real ou os obscuros pilotos da Madeira, sem cuja interferencia nunca seria Colombo o vice rei das terras que explorou.

Mas, cousa notavel, dá-se com o nome o mesmo que se dá com o descobrimento: nem Colombo descobriu o Novo Mundo, como acabamos de mostrar, nem foi Vespucio, piloto ao serviço de Portugal, quem apadrinhou o seu baptismo.

Antigos manuscritos descobertos n'estes ultimos tempos provam que o pobre florentino, sobre o qual injustissimamente teem cahido tantas pragas pelo que se chama a *fraude mais estupenda de que ha memoria nos annaes da humanidade*; antigos manuscritos, diziamos, provam que elle se chamava *Alberico* e não *Americo*. Sabe-se igualmente que os caraibas, indigenas das Antilhas, que foram vistos pelos hespanhoes que acompanharam Colombo, designavam as montanhas com o nome de *americ*. E' pois facil admittir que os companheiros de Colombo, de volta a Hespanha, deviam dizer, ao mostrarem os pedaços de ouro que encontraram nas faldas das montanhas, que os haviam apanhado em *Americ* ou na *Americ*, isto é, na montanha. Este nome diffundiu-se pela Europa, e nada mais natural que ter chegado a Saint-Dié, onde foi impressa a primeira relação da viagem de Alberico Vespucio. O geographo leonês pode muito bem ter confundido os dois nomes.

Na lista seguinte vão mencionados chronologicamente os factos mais notaveis com relação aos descobrimentos, explorações e colonização da America.

1463 — João Vaz Córte Real e Alvaro Martins Homem, portuguezes, descobrem a Ilha dos Bacalhaus (Terra Nova).

1486 — Affonso Sanches, que andava em uma caravela de Lisboa para a ilha da Madeira a transportar generos, é acossado por um forte temporal e, passados 22 dias, descobre um novo país pelo Occidente, país que não explorou pelo estado de quasi inanición em que se achava. Volta á Madeira, onde comunica a Christovam Colombo o segredo do seu descobrimento. Testemunho de Fr. Antonio de S. Romão, Garcilaso de la Vega, José de Sousa Azevedo Pizarro e Araujo, Manuel Ayres do Casal, Vasconcellos, Cunha Mattos, Dr. Mello de Moraes, jesuita Manuel Fialho, Brito Freire, Fr. Apollonio da Conceição, Pedro de Mariz, etc.

1492 — Primeira viagem de Colombo; sua chegada á ilha de Guanahami, no archipelago de Bahama, e descobrimento das ilhas de Cuba e Haiti.

1493-1495 — Segunda viagem de Colombo, descobrimento das ilhas Guadalupe e Jamaica e fundação no Haiti da cidade de San Salvador.

1496 — O veneziano João Cabot e seus tres filhos recebem de Henrique VII de Inglaterra cartas patentes a auctorizal-os a uma viagem á America.

1497 — João Cabot, ao serviço de Inglaterra, explora uma região ao N. E. da America, na extensão de 400 leguas.

1498 — Terceira viagem de Colombo em que descobre a ilha Trinidad, penetra no golfo de Paria e costeia a America do Sul até as boccas do Orinoco. Sebastião Cabot percorre a costa dos Estados Unidos até a bahia Chesapeake.

1499 — Ojeda, que fora companheiro de Colombo, parte de Hespanha em direcção á America e explora a costa N. E. da America do Sul. É acompanhado n'esta expedição por Juan de la Cosa e Alberico Vespucio. Francisco de Bobadilla é nomeado pelos reis de Hespanha governador da America hespanhola.

1500 — Gaspar Córte Real, portuguez, procurando uma passagem para as Indias pelo norte da America, descobre a Groenlandia a que, por coincidência com os navegadores escandinavos do seculo x, dá o nome de Terra Verde, e explora o golfo de S. Lourenço, a Terra do Labrador (corruptela de *Lavrador*), o Canadá e a Terra Nova, como ainda o confirmam muitos nomes portuguezes d'aquellas longinquas regiões. Pedro Alvares Cabral, portuguez, que segue para a India, afasta-se propositalmente para oeste e descobre o Brasil, a que dá o nome de Terra de Santa Cruz. Vicente Yañez Pinzon chega ao cabo de Santo Agostinho, reconhece a foz do Amazonas e percorre 600 leguas de costa antes de chegar ao Haiti.

1501-1504 — Alberico Vespucio visita novamente as costas da America em navios hespanhoes e portuguezes, e faz uma relação circumstanciada das suas viagens áquelle continente. Rodrigo Bardas e Juan de la Cosa percorrem, a partir do cabo da Vela, 100 leguas de costa desconhecida, onde fundam Santa Marta, Cartagena e Nombre de Dios.

1501 — Segunda viagem de Gaspar Córte Real á America do Norte, onde morre. Miguel Córte Real parte pouco depois em busca de seu irmão e tambem não regressa d'aquellas regiões. Gonçalo Coelho commanda a primeira expedição ao Brasil, depois de Pedro Alvares Cabral, e explora e descobre varios pontos das terras do S.

1502 — Quarta viagem de Colombo; reconhece as costas occidentaes do mar das Antilhas ou dos Caraibas, percorre toda a costa da America central desde o territorio dos Mosquitos até o golfo de Darien.

1503 — Sai de Portugal para o Brasil uma expedição commandada por Christovam Jacques, segundo uns, por Gonçalo Coelho, segundo outros; descobre a bahia de Todos os Santos; funda-se a primeira colonia portuguesa no Brasil. Affonso de Albuquerque, navegando para a India, aporta ás Terras de Santa Cruz.

1507 — Juan Diaz de Solis explora a costa do Yucatan.

1508 — Ponce de Leon descobre a peninsula de Florida.

1511 — Os hespanhoes apoderam-se de Cuba com 300 soldados, dos quaes não perdem nenhum.

1513 — Nuñez de Balboa adese embarca no isthmo de Panamá, avista o Pacifico e toma posse d'este mar em nome do rei de Hespanha.

1514 — Diaz de Solis volta ao Novo Mundo: descobre o rio da Prata, a que dá o nome de Mar Doce. (Em alguns auctores cita-se esta viagem como realizada em 1509.)

1517 — Sebastião Cabot faz uma viagem á America por conta de Henrique VIII de Inglaterra, e visita alguns lugares já conhecidos da America do Sul. Cordoba descobre Campeche e penetra no Mexico.

1518 — Juan Grijalva reconhece a costa oriental do Mexico.

1519-1521 — Fernão de Magalhães, portuguez, faz a primeira viagem completa á roda do globo; acompanhado de cinco naus pertencentes á Hespanha, quatro das quaes tinham commandantes e pilotos portuguezes, costeia toda a parte oriental da America do Sul, atravessa o estreito a que deu o seu nome, entra no Pacifico, prosegue a sua derrota para oeste e descobre as Philippinas, onde morre ás mãos dos indigenas. Fernando Cortez parte de Cuba com 11 navios e 550 homens, desembarca na Costa do Mexico e apodera-se d'este imperio, auxiliado pelos indios de Hascala.

1512 — Gil Gonzalez de Avila explora a costa O. do Mexico, desde o cabo Branco até o cabo de Fonseca.

1523-1524 — Verazzani, florentino ao serviço da França, explora a costa da America do N., desde a Florida até a Nova Escocia.

1526 — Sebastião Cabot, a este tempo ao serviço da Hespanha, percorre as costas do Brasil e dos territorios do Prata, e dá ao *Mar Doce* de Diaz de Solis o nome de *Rio da Prata*. Pizarro descobre Quito.

1527 — Pizarro visita Tumbez, no Peru, e percorre a costa até o porto de Santa.

1531-1532 — Fernando de Luca, Almagro e Pizarro, hespanhoes, conquistam o Peru com 1:000 homens.

1533 — Os hespanhoes exploram toda a região comprehendida entre Quito e Cuzco. Fernando Grijalva descobre a California.

1534 — D. João III divide a America portuguesa em 10 capitánias. Almagro apodera-se do Chile.

1535 — Jacques Cartier, francês, percorre o rio de S. Lourenço e dá ás regiões por elle banhadas o nome de Nova França; funda o primeiro estabelecimento francês na America. Benalcazar, hespanhol, atravessa toda a Nova Granada e chega até as margens do mar das Antilhas. Ayolas e Izola sobem o Panamá, penetram no Paraguay até a lagoa Xarays e fundam Asuncion. Jeronymo Ortal reconhece o Orinoco até a foz do Meta. Mendoza funda Buenos Aires. Ulva entra no golfo da California.

1540 — Cartier continua as suas explorações no Canadá; percorre Hochelaga, a que dá o nome de Montréal. Alarcon explora o rio Colorado.

1541 — Orellana desce o Amazonas até o mar. Conquista do Chile.

1549 — E' creado o governo geral do Brasil com séde na cidade de S. Salvador, mandada fundar por D. Manuel nas margens da bahia de Todos os Santos. Martinez de Yrala sobe o Paraguay até o 17º lat. S.

1556 — Fundam os portugueses a cidade do Rio de Janeiro, no Brasil.

Suspendemos aqui a nossa lista de descobrimentos e explorações na America, porque as viagens posteriores a esta data, embora importantissimas para as relações de todo o genero entre o velho e o novo Mundo, não dependem directamente da iniciativa portuguesa.

Francisco de Almeida.

MARIA

(concluido do n.º antecedente)

Um dia, n'um momento de expansão, disse Alvaro a Maria, com voz alterada por commoção forte:

— Ha tempo que os meus olhos lhe devem ter dicto que a amo. Sim, amo a com toda a minha alma; Maria, quer ser minha esposa?

E, como ella ruborizada se calasse, Alvaro acrescentou:

— Não posso offerecer-lhe um futuro brilhante. Tudo quanto possuo se reduz a uns quinhentos mil réis de economias para arranjarmos a casa, e o ordenado de cincoenta mil réis mensaes para vivermos. Sou orpham e, por tanto, não tenho herança alguma em perspectiva. Levaremos pois uma vida de trabalho e de economia, quando não de privações. Aceita?

— Aceito, respondeu Maria com simplicidade, extendendo lhe a mão.

Combinou-se o casamento para de ahi a tres meses, de accordo com a avó, cujos olhos apagados verteram lagrimas de alegria.

— A minha idolatrada neta já não fica só no mundo, dizia D. Carlota com intima satisfação: achou emfim quem a ame e proteja, quem a conforte quando eu lhe faltar.

Maria sentia-se tambem contente e animada. O porvir apresentava-se-lhe risonho.

* * *

Uma grande decepção porém veio perturbar tanta alegria. Um lojista para quem a boa menina trabalhava havia quatro annos, o que mais lhe dava que fazer e melhor lhe pagava, declarou-lhe que não podia continuar a dar-lhe obra. Os negocios estavam paralisados e elle via-se na necessidade de supprimir o pessoal exterior.

Maria regressou a casa com o abatimento e desespero na alma. O seu noivo diligenciou tranquillizar-a, dizendo-lhe que não faltaria gente que lhe desse trabalho.

— Ah! exclamou ella, abanando tristemente a cabeça. Tu não sabes quanto é duro andar de porta em porta para soffrer impertinencias e humilhações. Depois esse dinheiro que a gente gasta com tanto custo, batem-nos com elle na cara como se fora uma esmola. E não ha remedio senão supportar tudo sem fazer a menor observação, sem proferir a menor queixa.

— Isso é verdade, minha boa Maria, acudiu Alvaro; mas não vale desesperar.

— Como hei de vestir-me? dizia ella com amargura, fazer o meu enxoval, faltando-me os principaes recursos?

Alvaro continuou a mostrar-lhe que aquelle contratempo não tinha importancia, e que em breve tudo se remediará; mas a neta de D. Carlota, mortificada pela indiferença do que estava para ser seu marido, exclamou com certo enfado:

— Parece que pouco te importa o meu bem estar!

— Mais que o meu.

— Pois qualquer diria que tens dez contos de réis de renda.

O moço empallideceu; fitou os olhos em Maria e retirou-se sem proferir uma palavra.

No dia seguinte soube com assombro a neta de D. Carlota que Alvaro mudara de comicio sem dizer para onde ia, nem procurar ter com ella a menor explicação.

* * *

Durante algumas semanas abrigou Maria a esperança de ver chegar de um momento para outro o seu futuro.

— Se não morreu ou não está doido, ha de voltar, pensava ella.

Mas em vão diligenciava achar a causa d'aquella fugida inesperada, e quebrava a cabeça para advinhar em que poderia tel-o offendido ou desgostado.

Passaram meses, e Alvaro não voltou.

Maria continuava a sua vida laboriosa. Nada mudara no seu modesto lar, a não ser a avó enfraquecer cada vez mais e a neta tornar-se de dia para dia mais pallida e triste. A infeliz menina adorava o fugitivo e não podia consolar-se do seu abandono.

* * *

Um dia encontrou na rua uma amiga de infancia, que regressara havia pouco tempo de um longo passeio pela Europa.

Emilia, que assim se chamava a sua antiga companheira de collegio, ia ricamente vestida e acompanhada de uma aia francesa.

— Maria! exclamou ella, lançando um olhar de commiserção pelo modesto traje da infeliz. Que é feito de ti? E teu pae?

— Perdi-o e com elle a felicidade e o bem estar. A minha disposição para o bordado, que tanto admiravas, é agora o meu unico meio de subsistencia.

E em poucas palavras explicou as vicissitudes da sua penosa vida.

— Quanto sinto os teus males, minha querida Maria! disse Emilia. Vai a minha casa e falaremos.

E ajuntou, baixando a voz:

— Caso me brevemente... Has de bordar-me o lenço do noivado.

* * *

Tres dias depois apresentou-se Maria em casa de Emilia, que vivia com seus paes em um palacete á Lapa.

Foi muito bem recebida.

As duas amigas sentaram-se em um confidente, n'uma saleta contigua a uma especie de ivernadoro cujas plantas e flores recreavam a vista e perfumavam o ambiente.

Emilia era uma rapariga loura, graciosa, estovada e voluvel, que formava um vivo contraste com o typo moreno da meiga e seria neta de D. Carlota.

— Sim, minha querida, dizia Emilia com a sua habitual loquacidade; espero em breve ser condessa, porque o meu noivo é conde. Ainda não pedi officialmente a minha mão ao papá, mas não tardará em fazel-o, porque está louco por mim. E' um typo originalissimo. Jurou que só casaria com uma mulher absolutamente desinteressada, que não desse nenhum valor nem tivesse o menor apego ao dinheiro... Como se isto fosse cousa facil presentemente, em que o vestir custa os olhos da cara e não se pode viver em sociedade sem gastar muita libra.

— E tu gostas d'elle?

— Gosto; é um perfeito moço! Mas, ainda que o não fosse, parece-te bagatela o titulo de condessa e a vida que poderei passar? Havemos de ter

carruagem, cavallos, quinta em Cintra, chalet na Granja, camarote em S. Carlos, eu sei!... E havemos de dar bailes deslumbrantes, de que os jornaes não de falar, e a condessa de *** ha de ser um dos principaes oraculos da moda.

Estes devaneios recordavam a Maria os seus sonhos de ventura, os seus recentes projectos que, com serem tão simples e naturaes, se haviam desvanecido como fumo.

— E tu, quando te casas? perguntou Emilia.

Maria respondeu gravemente:

— Nunca!

— Serio? Tiveste talvez algum amor mal correspondido...

— E' verdade. Amei, continuo a amar e amarei até o ultimo momento da minha vida um homem que perdi, se me não engano, para sempre.

— O caso é interessante. E pode saber-se quem é o ingrato?

— Um simples caixeiro, sem nome, sem dinheiro e sem futuro.

— Então, minha Maria...

— Mas era o dono do meu coração e para mim valia mais que todos os nobres e millionarios do mundo.

— Que será feito d'elle?

— Não sei. Desappareceu de repente e nunca mais deu conta de si.

— Talvez morresse.

— Quem sabe! E, ainda que viva, já se não lembrará de mim.

— Não comprehendo então porque continuas a amal-o.

— Hei de ser-lhe fiel até a morte!

Sem dar por tal, Maria fora levantando a voz, e proferiu estas ultimas palavras como uma invocação á felicidade perdida.

— Menina, disse da porta uma creada, o sr. conde de *** esteve aqui.

— Quando?

— Ha um instante.

— E retirou-se sem me falar?

— Esperou na estufa cousa de um quarto de hora, e, vendo a com essa senhora, retirou-se.

— Ouviria o que eu disse? murmurou Emilia.

* * *

N'aquella mesma noite bateram á porta de D. Carlota.

Maria foi abrir e deu um grito:

— Alvaro!

— Eu mesmo, o teu futuro esposo, que continuo a amar-te e vem lembrar-te a tua promessa.

— Mas... e o teu desapparecimento? o teu longo silencio?

— Perdoa-me. Duvidei de ti; julguei-te ambiciosa e dissimulada. Pensei que sabias a verdade...

— Não entendo.

— Uma palavra e comprehenderás tudo. Aceitaste por esposo o caixeiro Alvaro da Cunha. Queres ser condessa de ***?

Maria ficou muda de surpresa.

Uma enrugada mão procurou as mãos dos dois moços e juntou-as em um mesmo aperto, em quanto a voz fraca e tremula, que conhecemos desde o principio d'esta historia, murmurava entre soluços:

— Não está só a minha Maria. Agora posso morrer!

Terencio.

A VIDA HUMANA

MOORE

(Ao meu illustre mestre, M. Alfredo King)

Eu vi da praia quando a manhã já brilhava, um barco que se balouçava n'um mar de saphyra e á praia eu voltei quando o sol declinava, o barco inda allí estava, mas o mar fugira!

Ai! tal é o destino da mais promettida esperança da vida, assim por nós gozada qual onda que alterada a nós vem dirigida e nos deixa, esquecida, na praia isolada.

Não me falleis da fama que adorna e gloria o fim do nosso dia, o seu doce acabar; dá-me, torna-me a dar essa fresca alegria d'alvorcer que rocía da vida o luar.

Esteves Pereira.

UMA TOURADA

8 de novembro.

As touradas para agradarem necessitam de tres condições para serem boas: — sol, bom curro e habéis lidadores. Ora como houve de tudo isso e largamente, a tourada agradou.

Os lidadores, homens distinctos, da nossa primeira sociedade, deram um curro superior, aristocrático, a todo o combate.

Curro era bom, de Antonio José da Silva.

Os cavalleiros foram os srs. D. Antonio de Siqueira e visconde de Varzea; apresentaram-se á *moda antiga*, dirigindo os corseis com mão experimentada e lidando os touros com destreza e consummada coragem.

D. Antonio de Siqueira, filho do senhor conde de S. Martinho, vinha com um traje severo, negro, formando a figura de cavalleiro mais completa que temos visto, — perpassou-nos pelo espirito a figura também severa do joven conde, filho do marquez de Marialva na historica tourada de Salvaterra... Seja dito, em obediencia á verdade, que na familia dos senhores condes de S. Martinho não ha muitas razões para os seus descendentes vestirem trajos de festa.

Dos lidadores de pé, D. Diogo Manique, Perestrello, Pedro Figueiredo e Pinto Coelho, teve grande ovação este ultimo que, a pedido do publico, saltou á arena, por isso que assistia á tourada como simples espectador.

O aspecto severo de D. Antonio de Siqueira impressionou todos os espectadores, por isso que não puderam deixar de lembrar as tragedias a que deram causa as nossas passadas luctas civis. Lidou o primeiro e sexto touros com arte, castigando o primeiro que era negro, bragado, cornialto, com um ferro á gaiola, tres á meia volta, dois de cara, um á garupa e um curto, offerecendo esta ultima sorte ao antigo e venerando amador José Horta; — o outro cavalleiro, que nos disseram chamar-se visconde de Varzea, lidou o quarto e oitavo touros com correção, enfeitando o primeiro com oito ferros e o segundo com sete. Foi muito applaudido.

De Manique, já veterano no toureio, nada temos que dizer, senão que sustentou os creditos de outras gloriosas tardes.

Pedro Figueiredo é muito arrojado, elegante, e mostrou-se conhecedor da arte.

Duarte Pinto Coelho foi muito habil na lide e demonstrou ser um artista de primeira ordem. Não se alegrem porém, prematuramente, os *afficionados* porque Pinto Coelho é um medico muito distincto para abandonar a sua clinica a fim de satisfazer os.

Perestrello muito agil, muiro feliz, foi encantador de garbo lidando, as rezes que lhe couberam, com verdadeiro conhecimento da arte tauromachica.

Os forcados pegaram o 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 8.º touros sendo o 7.º rabejado pelos moços do curro, todos valentes e denodados; e defendendo os primeiros com galhardia e unidade, a historica *casa da guarda*.

As honras da tarde pertenceram incontestavelmente a Duarte Pinto Coelho e a D. Antonio de Siqueira.

Quando o primeiro saltou á praça foi um momento imponente. Mais de quatro mil pessoas em pé agitando os lenços e clamando:

— Viva Pinto Coelho!

Nunca tinhamos visto aquelle rapaz; estatura regular, viril, moreno, pequeno buço, cabello escuro, olhar firme, seguindo com a rapidez de um dardo todos os movimentos do touro, andando á vontade, seguro de si. Depois dos Maniques é o primeiro que tenho visto com tão decidida vocação para o toureio.

É um *sport* perigoso o tauromachico. Por isso ao passo que desenvolve agilidade e destreza,

tambem obriga ao desenvolvimento intellectual; porque, ali, do pensamento á resolução, vae o espaço de um segundo... o mesmo que da vida á morte.

Esteve presente a familia reinante. E a direção da corrida, entregue ao nosso amigo José Augusto Galache, foi magistral.

Manoel Barradas.



REVISTA POLITICA

A manifestação republicana feita á partida dos monarchas portuguezes para Hespanha, a que nos referimos no final da nossa ultima revista, provocou uma manifestação monarchica feita á chegada dos mesmos monarchas, da sua visita a Madrid.

Era de esperar, mas parece que só os auctores d'aquella manifestação contraria ás instituições é que a não esperavam, pois, de contrario, não a teriam feito.

Em verdade o ridiculo que cubriu os manifestantes excedeu toda a expectativa, em presença

governo lhe poderá convir mais, que o monarchico, por lhe offerecer mais garantias e estabilidade.

Toda a difficuldade está na tal reforma dos costumes e na tal provisão de bom senso, o qual parece anda de mal com os portuguezes, e para confirmar a verdade do que dizemos, verdade reconhecida por muitos, temos um exemplo bem frisante na administração do municipio de Lisboa, em que predominou o elemento republicano e em que os processos administrativos deixaram a perder de vista o desbarato da administração do paiz com todas as sinecuras e esbanjamentos.

Querer ver só nas instituições o mal que de resto está desseminalado em todos os portuguezes, é vontade de querer achar desculpa aos proprios erros.

Nós sentimos muito ter que dizer estas cousas que não agradarão de certo, nem a gregos nem a troyanos, mas dentro da imparcialidade que temos adoptado n'esta revista, só cabe a verdade, ainda que pese seja a quem fôr.

Se n'este paiz não houvesse governo nem instituições, era preciso inventar-as para desculpa dos erros de todos, erros de origem, erros de educação, erros de idéas com todas as suas perniciosas consequências, de que todos tem a paternidade mas que ninguem quer reconhecer como seus filhos.

E' por isto que as reformas se succedem n'este desconcertado paiz sem se conseguir resultado nenhum satisfatorio; é por isso que se vive de esperanças infundadas que em cada hora se perdem. Uma vida de acaso, sem plano, sem orientação. Falla-se de republica, mas os ingenhos que n'ella acreditam, imaginam que essa republica é que lhe hade dar tudo o que a patria precisa, incluindo o juizo, mas não fazem idéa nenhuma de como se fará esse milagre.

Se os que especulam com aquella idéa mais ou menos sinceramente, explicassem aos republicanos ingenhos que a republica precisa do trabalho e do dinheiro do povo exactamente como a monarchia; que tem da mesma forma os que mandam e os que são mandados; que a democracia republicana vale tanto como a aristocracia monarchica, com a differença d'aquella ser mais mal educada, o que os mesmos ingenhos já praticamente deverão ter experimentado; quando tudo isto se explicasse sinceramente, deixariam de haver tantos ingenhos que acreditassem que o remedio dos males da patria está apenas na mudança de instituições.

E para não terminarmos sem dar noticia de alguma nova reforma, la vae a da reforma eleitoral, para o que já se nomeiou uma comissão, como é costume, para a elaborar.

Essa comissão tem por presidente o sr. Barjona de Freitas.

Muitas outras reformas estão annunciadas, de que fallaremos conforme forem apparecendo.

Haja ao menos fartura de alguma coisa.

João Verdades.



BENGALA-PHOSPHORO



BFGALA-MACHINA DE FAZER CIGARROS

da manifestação monarchica com que foram recebidos el-rei D. Carlos e a rainha D. Amelia no seu regresso a Lisboa.

A cidade apresentou um aspecto festivo como ha muito tempo lhe não viamos. A população concentrou-se toda nas ruas por onde devia passar o cortejo real, e nem uma nota discordante se fez sentir no meio das aclamações com que foram saudados os monarchas.

A politica cedeu o logar á policia. Os republicanos não tiveram coragem de se impôr, ou encontraram-se em tão homoeopathica minoria que reconheceram a inutilidade dos seus esforços.

Era bom que se convencessem de que hoje a forma de governos é uma coisa muito secundaria depois que o povo conquistou as liberdades de que disfructa, e só a especulação d'uns e a boa fé d'outros, mantem umas aspirações que não chegam a definir nitidamente.

O que tem feito republicanos em o nosso paiz tem sido os maus governos. Se esses governos fossem republicanos teriam feito monarchicos.

Os erros e vicios que tem corroido os governos monarchicos, haviam de corroido os governos republicanos se se estabelecesse em o nosso paiz o systema republicano.

Reformem-se os costumes, faça-se larga provisão de bom senso, e depois estabeleça-se o systema de governo que mais agrade ao paiz, que todos os governos serão bons.

Ora como as tradições d'este paiz são absolutamente monarchicas, cremos que nenhum outro

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1893

Está publicado; a capa é um lindo chromo representando esse mimo d'architectura quinhentista — a Torre de Belem.

Preço 200 réis. Pelo correio 220 réis

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Poço Novo - Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores

R. Nova do Loureiro, 25 a 39